



DOI: 10.14295/idonline.v19i78.4262

Artigo

Conformismo, Fé e Resistência: Religiosidade, Espiritualidade e Resiliência em Mulheres Idosas Rurais

Kenia Machado Johner¹; Cristina Fioreze²

Resumo: Apesar do aumento de estudos sobre espiritualidade e religiosidade na velhice, ainda são escassas as investigações sobre o tema em contextos de mulheres idosas que vivem no meio rural. Numa perspectiva interseccional, objetiva-se compreender como a espiritualidade e a religiosidade se expressam nas narrativas de vida de mulheres idosas que envelhecem em contexto de ruralidade, articulando os distintos marcadores sociais presentes e explorando seus efeitos sobre bem-estar e processos de resiliência. Trata-se de pesquisa descritiva, qualitativa, desenvolvida através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas junto a dez mulheres idosas residentes em um município de pequeno porte do Rio Grande do Sul. Os resultados evidenciam a religiosidade como presença constante, ora reforçando enquadramentos de gênero pautados pelo patriarcado e transmitidos transgeracionalmente, ora funcionando como fonte de suporte e resiliência. Assim, espiritualidade e religiosidade emergem de modo contraditório: perpetuam desigualdades, mas também sustentam resistência, adaptação e busca por bem-estar.

Palavras-chave: Mulheres idosas; Interseccionalidade; Ruralidade; Espiritualidade; Religiosidade; Resiliência.

¹ Graduação em Estética e Cosmetologia pela Universidade Luterana do Brasil. Pós Graduada em Estética e Cosmetologia pelo FISEPE. Doutoranda e Mestre em Envelhecimento Humano pelo Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo. 188113@upf.br;

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com doutorado Sanduíche no Exterior realizado no *Institute of Education - University College London*. Pós-doutorado no *Centro de Políticas Comparadas de Educación - Universidad Diego Portales*, Chile. Graduação em Serviço Social pela Universidade de Caxias do Sul e Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Foi Pesquisadora Visitante no *Center for Higher Education Policy Studies (CHEPS)*, na *University of Twente*, Holanda. Autora do relatório *Brazil: tracing good and emerging practices on the right to higher education; policy initiatives on the right to higher education in Brazil*, para a UNESCO IESALC. Docente e pesquisadora da Universidade de Passo Fundo, no curso de Serviço Social e no Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano. cristinaf@upf.br.

Conformity, Faith, and Resistance: Religiosity, Spirituality, and Resilience in Rural Elderly Women

Abstract: Despite the increase in studies on spirituality and religiosity in old age, research on the topic among older women living in rural areas remains scarce. From an intersectional perspective, this study aims to understand how spirituality and religiosity are expressed in the life narratives of older women aging in rural settings, articulating the distinct social markers present and exploring their effects on well-being and resilience processes. This descriptive, qualitative study was developed through semi-structured interviews with ten older women living in a small municipality in Rio Grande do Sul. The results highlight religiosity as a constant presence, sometimes reinforcing gender frameworks guided by patriarchy and transmitted transgenerationally, and sometimes functioning as a source of support and resilience. Thus, spirituality and religiosity emerge in contradictory ways: they perpetuate inequalities, but also sustain resistance, adaptation, and the pursuit of well-being.

Keywords: Older women; Intersectionality; Rurality; Spirituality; Religiosity; Resilience.

Introdução

No processo de envelhecimento, religiosidade e espiritualidade emergem como dimensões centrais, tanto como fonte de sentido, propósito e vínculos sociais, assim como na construção de resiliência para o enfrentamento das adversidades próprias dessa etapa do ciclo de vida (Levin; Chatters; Taylor, 2005; Koenig; King; Carson, 2012; Juliano; Yunes 2014). A resiliência, para além de uma característica individual e inata, é compreendida como um fenômeno processual, de natureza relacional e vinculada a fatores ambientais e contextuais (Yunes, 2003; Juliano e Yunes, 2014).

O envelhecimento populacional consiste em um desafio global e nacional. Conforme estatísticas oficiais, 15,6% da população do país é considerada idosa, ou seja, possui 60 anos ou mais. Isso significa uma alta de 56% em relação a 2010, quando essa faixa etária representava 10,8% da população (IBGE, 2023). Na distribuição por gênero, as mulheres idosas constituem 8,8% da população nacional e os homens, 7%. Ao mesmo tempo, as mulheres apresentam uma expectativa de vida de 79 anos, enquanto a expectativa de vida dos homens é de 72 anos de idade. Os dados corroboram o fenômeno da feminização da velhice (Maximiano-Barreto et al., 2019), o que indica a necessidade de examinar como espiritualidade e religiosidade atravessam as trajetórias femininas no processo de envelhecimento.

Mais correto do que falar em velhice feminina, porém, seria falar em velhices femininas, no plural. Isso porque há diferentes formas de envelhecer e, também, diferentes formas de ser mulher numa sociedade perpassada por disparidades e diferenças, as quais se intercruzam no envelhecer dos grupos sociais, traduzindo-se em uma miríade de experiências de subordinação que, embora guardem características em comum – dadas pelo gênero e pela idade –, carregam outras especificidades. Assim, a interseccionalidade (Crenshaw, 2002) oferece a lente para visibilizar como gênero, geração, raça, classe, sexualidade, deficiência e territorialidades, entre outros marcadores, se entrelaçam e moldam condições de saúde, acesso a cuidados e redes de apoio na velhice (Ayalon; Tesch-Römer, 2018; Jackson; Hackett; Steptoe, 2019). Nessa chave, religiosidade e espiritualidade podem tanto mitigar vulnerabilidades quanto, em certos contextos, reproduzir normas e hierarquias de gênero.

O território é componente decisivo nesses processos. Isto é, considerar o território onde se vive é fundamental para compreender as particularidades do viver e envelhecer das mulheres, constituindo-se em importante marcador na configuração dos lugares das mulheres idosas na sociedade. Na presente pesquisa, focamos um município de pequeno porte do estado do Rio Grande do Sul, assentado no modo de vida rural – contexto sobre o qual ainda há escasso conhecimento quanto às mulheres idosas (Costa; Lopes; Soares, 2015). O rural não é homogêneo, tampouco uma negação do urbano; antes, conforma ruralidade(s) enquanto “modo de ser e de viver”, mobilizando práticas e vínculos, de modo que, “mais do que o palco onde a vida acontece, os contextos rurais constituem-se como agenciadores de modos de vida” (Gomes; Nogueira; Toneli, 2016, p. 116). Outra característica significativa do município em questão é a presença da imigração europeia – especialmente italiana – na composição da população, o que aponta para o atravessamento da religiosidade católica no cotidiano daquela sociedade (Decker, 2019). Nesse ambiente, redes religiosas locais, rituais e pertencimentos comunitários frequentemente estruturam apoios materiais e simbólicos relevantes ao envelhecer.

Embora espiritualidade e religiosidade sejam conceitos próximos, pode-se considerar que a espiritualidade faz alusão às formas como as pessoas atribuem sentido à vida, não estando, necessariamente, atrelada ao arcabouço de religiões específicas ou suas crenças e rituais. Já a religiosidade diz respeito às crenças associadas às determinadas religiões, quando há o compromisso do indivíduo com as práticas dessa religião (Panzini et al., 2007; Margaça; Rodrigues, 2019). Para Panzini e colaboradores (2007, p. 106), “embora haja sobreposição entre

espiritualidade e religiosidade, a última difere-se pela clara sugestão de um sistema de adoração/doutrina específica partilhada com um grupo”.

Apesar da relevância da espiritualidade e da religiosidade no contexto do envelhecimento, ainda é necessário superar alguns preconceitos acadêmicos e investir em estudos sobre o tema. Franco e Dias (2021, p. 309) observam que a religião é uma lacuna nas discussões em torno das interseccionalidades e, argumentando sobre a importância de considerá-la, discorrem sobre “como a religião, enquanto categoria, pode se firmar no contexto das interseccionalidades como uma ‘avenida’ na qual se manifestam marcas da subalternidade inter-relacionadas a elementos como etnia, classe, raça, gênero, nacionalidade, entre outros”.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer o caráter ambíguo dessa discussão. De um lado, há um acúmulo na produção acadêmica que evidencia o lugar historicamente ocupado pelas religiões como disciplinadoras das mulheres e seus corpos, com relevante papel na reprodução de desigualdades, hierarquias e lugares de gênero (Rosado-Nunes, 2005; Mossuz-Lavau, 2005; Wisch; Souza, 2023). Mas, por outro lado, também existe uma literatura crescente sobre o lugar de empoderamento que a religião pode ocupar na vida das mulheres, numa perspectiva contra hegemônica (Chantal, 2021; Franco; Dias, 2021).

Diante do exposto, e tomando a perspectiva da interseccionalidade como lente de análise, o artigo objetiva compreender como a espiritualidade e a religiosidade se expressam nas narrativas de vida de mulheres idosas que envelhecem em contexto de ruralidade, articulando os distintos marcadores sociais presentes e explorando seus efeitos sobre bem-estar e processos de resiliência.

Para tanto, o texto está estruturado em três partes, além dessa introdução. Na sequência são descritos os aspectos metodológicos que guiaram a pesquisa. Em seguida, apresentam-se os resultados da coleta de dados, assim como a discussão desses dados. Por fim, são tecidas as considerações finais do estudo.

O caminho metodológico da pesquisa

O gênero é um marcador social cuja construção se associa às relações estabelecidas na sociedade, onde se inclui, também, a vivência das religiões. Perseguindo a proposição de dar voz a trajetórias femininas interseccionadas com espiritualidade e religiosidade, velhice e território, o artigo tem como ponto de partida uma investigação delineada como descritiva, de

caráter qualitativo, cujos dados foram coletados em campo por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas junto a mulheres idosas de um município de pequeno porte do estado do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo (UPF).

O município no qual foi desenvolvida a pesquisa tem população de um pouco mais de 2.500 habitantes, composta por descendentes de imigrantes europeus e de origem afro-brasileira. É um território em que as paisagens e hábitos do campo não se limitam às áreas demarcadas como rurais, mas afastadas do pequeno centro urbano; elas adentram pelas ruas, onde há grandes terrenos, espaços ociosos e casas com amplos quintais. É um território que ocupa o espaço histórico da subsistência rural, onde se encontram hábitos, costumes, modos de ser e de viver advindos do campo, em meio a elementos que costumam ser associados à cidade.

A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa, por meio do parecer 5.458.432, e todas as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da realização das entrevistas, que foram aplicadas no mês de julho de 2022. Com o consentimento das participantes, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A amostra da pesquisa foi constituída por dez mulheres idosas residentes no município, cujo perfil é apresentado na sequência. Para fins de preservação do sigilo das identidades, as participantes foram identificadas com a denominação de flores.

A análise dos dados coletados embasou-se no método de análise de práticas discursivas de Spink e Medrado (2004, p. 54). Para os autores, práticas discursivas são “linguagem em ação”, ou seja, “as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas”. As falas são, sempre, situadas em “repertórios interpretativos” e os discursos acontecem em determinados contextos que, de certa maneira, moldam os enunciados. No discurso, as pessoas são sujeitos em interação, que se posicionam em relação ao contexto, em um constante movimento de argumentação.

Partindo desse referencial, após transcrição dos dados passou-se à elaboração da codificação dos relatos. O processo foi guiado pelo objetivo da pesquisa, tendo como centralidade a expressão da espiritualidade e da religiosidade no processo de envelhecer das mulheres.

Resultados e discussão: o que dizem as mulheres idosas entrevistadas?

Esta seção está organizada em dois tópicos. Inicialmente é apresentado o perfil das participantes, com a descrição dos marcadores sociais da diferença identificados como presentes na amostra. Posteriormente, o texto foca na expressão da espiritualidade e da religiosidade no cotidiano das mulheres participantes.

a) Perfil das participantes e os marcadores sociais da diferença presentes

Importa iniciar apresentando o perfil das participantes, que pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1: Perfil das participantes da pesquisa

Identificação	Idade	Cor autodeclarada	Religião informada	Renda individual mensal, em salários-mínimos (SM)
Alecrim	76	Branca	católica	mais de 3
Amarílis	68	Parda	evangélica	até 1
Amor-perfeito	73	parda	católica	até 1
Begônia	70	Parda	católica	mais de 3
Calêndula	69	Preta	católica	até 1
Camélia	68	Branca	católica	mais de 3
Cravo	65	Parda	católica	até 1
Crisântemo	67	Parda	católica	até 1
Gerânia	65	Branca	católica	até 1
Rosa	69	branca	católica	até 3

Fonte: Dados do estudo.

Buscando delinear o perfil das participantes, é possível identificar os marcadores sociais da diferença que se atravessam em suas realidades. O marcador social gênero aparece fortemente perpassado pelo papel da mulher no casamento, no cuidado à família e no modo de vida caracterizado pelo contexto rural. O marcador velhice evidencia uma percepção do envelhecer como processo natural da vida e a velhice como incapacidade funcional que está associada às perdas ligadas ao trabalho, principalmente no campo e na casa.

O marcador território é catalisador dos outros marcadores sociais presentes na vida das mulheres idosas no contexto estudado, por vezes confundindo-se com o trabalho, de modo que os sentidos se articulam a trajetórias de vida em um ambiente marcado por adversidades, com forte vinculação ao modo de ser rural e às relações familiares; embora no momento da pesquisa parte das entrevistadas residissem no perímetro urbano e parte na área rural do município, todas

elas têm suas histórias de vida atreladas à trajetória de trabalho no campo. O marcador classe social permite constatar que todas as entrevistadas constituem-se como classe-que-vive-do-trabalho (Antunes; Alvez, 2004), destacando-se um padrão homogêneo de pobreza experienciada ao longo da vida (muito presente na infância e na juventude), que se modifica com o passar do tempo. O marcador raça é identificado quando se observa o perfil das participantes, todavia, importa destacar que, nas narrativas das entrevistadas, ele não apareceu como elemento que compõe diferenças, o que pode ser explicado por questões culturais locais.

b) Espiritualidade e religiosidade nas narrativas das mulheres

As mulheres idosas participantes da pesquisa mostram, como tendência, vínculos importantes com religiões de origem judaico-cristã, sendo que nove delas se declararam católicas e uma declarou-se evangélica. Conforme Rosado-Nunes (2005, p. 364), o fundamento da visão religiosa está em uma ordem imutável e indiscutível, na forma de dogmas, de modo que os discursos religiosos aparecem “sob o manto da revelação divina”. Na coleta de dados observou-se de forma significativa a presença dessa narrativa, o que pode ser ilustrado pelo relato de Rosa:

Eu sou uma pessoa assim sabe que... nós fomos criados lá com o pai e a mãe e eles ensinaram, assim, que o que é certo, é certo, e o que é errado, é errado, e tu cresceu assim, e outras coisa não existe. Existe Deus só e Jesus, porque o único que andou na terra falando a verdade, caminhando, foi Jesus, e ele ensinou, né? Ele foi caminhando e dizendo: 'o certo é assim e assim, o errado, assim, assim'. E ele não voltou pra trás para dizer de novo, tu que tem que guardar, né? (Rosa).

Dentro dessa perspectiva, vê-se um movimento de conformidade aos papéis de gênero pautados pela lógica patriarcal, culturalmente transmitidos por crenças religiosas que são repassadas pelas famílias de forma transgeracional. Nesse mesmo sentido, destaca-se a fala de Cravo, na sequência, a qual apresenta como as experiências religiosas estão implicadas numa construção de gênero em que a mulher se sacrifica, tal qual Maria mãe de Jesus, pelo cuidado com seus filhos:

E minha mãe dizia: 'Fia, Deus vai te ajudar, pra você criar tudo teus filhos, você ainda vai sê feliz, um dia tu vai ter...'. Porque eu não tinha nada, eu não tinha um prato para comer. Eu digo pro meu filho: 'Filho, nós tudo tivemos uma vida muito difícil, pra sobreviver. Vocês sobreviveram porque Deus queria que eu criasse vocês' (Cravo).

Em complemento a essa narrativa, a mesma participante deixa transparecer a força dos valores patriarcais que lhe foram transmitidos, em passagem da entrevista na qual aborda o

contexto de violência doméstica e relacionamento abusivo ao qual permaneceu submetida por 50 anos. Ela diz:

Porque eu ouvia sempre o pai dizer: ‘Casou tem que ficar, tem que ficar com o marido até morrer’. Porque meu pai e minha mãe ficaram, foi a vida inteira juntos (Cravo).

Pesquisas indicam que normas e tradições religiosas contribuem para a formação das desigualdades de gênero, atuando como sustentáculos da subordinação das mulheres na sociedade (Diehl; Koenig; Ruckdeschel, 2009; Seguino, 2009). Rosado-Nunes (2008, p. 72), ao discutir as relações entre o ideário feminista e os valores do catolicismo em torno dos direitos sexuais e reprodutivos, faz referência à existência de um conflito “infindável e, talvez, insuperável”. Souza (2020), por sua vez, aborda a participação da religião no assujeitamento e silenciamento das mulheres na violência de gênero.

Aprofundando o olhar sobre as narrativas das participantes da pesquisa, percebe-se que nas falas de todas as dez entrevistadas prevalece o discurso sobre uma vida perpassada por provações, adversidades e trabalho duro. De maneira geral, são histórias de vida permeadas por situações difíceis e de trabalho árduo desde a infância; são mulheres que chegam à velhice fortemente marcadas pelos lugares sociais de gênero – em intersecção com o território – aos quais se enquadram ao longo de suas trajetórias. O conjunto de falas na sequência expressa bem essa compreensão:

Como perdemos o pai, tinha que ir trabalhar, ir na roça e ajudar. E daí a mãe, quando tinha que colher o milho... [...]. Tinha que colher e não ia no colégio (Alecrim).

Sempre trabalhei bastante, sempre, sempre, sempre... (Rosa).

Tenho 3 filhos, e toda vida trabalhei na casa, né? Meu marido trabalhava na granja... e em casa sempre tem muito trabalho, né (Camélia).

Todo o trabalho da casa eu que faço... Mas eu levanto, às vezes, 5 horas (Begônia).

Minha vida não foi ruim. A gente era pobre, trabalhava, mas... tinha como ir indo... porque não era fácil pra ninguém (Gerânia).

Muitas vezes eu fiquei sem comer, muitas, pra dar pros meus filhos, e não me arrependo (Cravo).

É possível identificar, como característica comum entre as mulheres que participaram da pesquisa, a dedicação ao trabalho no meio rural desde a infância. Com ajuda da religiosidade, elas construíram a leitura de que tanto esforço, luta e resignação valeriam a pena, porque compensados pelas conquistas relacionadas à manutenção da vida, sua e de suas famílias. Nas palavras de Crisântemo:

A gente sofre, mas também vem as recompensas, né? (Crisântemo).

Acentuam-se nas suas histórias as perdas de entes queridos, de bens, como também um histórico de pobreza, doenças, violências e impossibilidades. Todavia, ao relatarem tais adversidades, a espiritualidade e as crenças religiosas aparecem como recursos no enfrentamento dos momentos difíceis, como pode ser observado nas falas que seguem.

Essa situação do assalto a gente não esquece ... que eu levanto de manhã pra sair pra fora tirar leite, tenho que olhar para todos os lados. [...] Não adianta, tudo em roda é mato, podem chegar a qualquer hora, né, mas eles não vêm mais porque a gente se agarra com Deus, né? (Camélia).

Se Deus quiser, esse ano nós vamos conseguir plantar nosso feijão e dá, porque acredite, nós plantamos três potes de feijão, mas quase não deu uma cozinhaba, por causa da seca do ano passado. Deu nada, mas que raiva [murmura]... Mas não fiquei brava, eu disse: 'Deus não quis deixar, de certo esse ano ele deixa, se Deus quiser vai ficar melhor' (Crisântemo).

Dormia no chão da casa da mãe que era de assoalho, por baixo não tinha nada, por cima a mãe dava qualquer cobertinha pra mim me cobrir com esse guri no braço. De dia eu trabalhava. Só Deus sabe. Eu não sei se é Deus que me deixou até agora aqui para mim ajudar a cuidar da minha irmã, porque minha irmã também tá passando por umas... Foi Deus, só Deus. Por isso que eu tenho muita fé em Deus (Cravo).

Pode-se perceber, nas narrativas anteriores, o discurso religioso como recurso de conformação a uma realidade de adversidades, atrelado ao sentimento de aceitação assentado na crença de que o sofrimento causado ocorreu por permissão de uma entidade divina. A religiosidade se coloca, então, como forma de atribuir sentido ao sofrimento (Margaça; Rodrigues, 2019).

Mas junto disso, e de forma entremeada, as falas coletadas também revelam força e resistência para adaptação a limitações que foram impostas desde a infância, chegando até as suas perspectivas atuais, o que evidencia que a religiosidade e a espiritualidade ocupam um lugar para além do conformismo a papéis predefinidos.

Em análise, cabe referir a conclusão de Margaça e Rodrigues (2019, p. 154), com base em revisão de literatura, de que “a espiritualidade e a religiosidade podem funcionar como mediadores para o indivíduo em momentos estressantes, nos quais ser religioso/espiritual passa a ser uma estratégia de adaptação com ganhos ao nível da estruturação da resiliência”. Concordando com essa perspectiva, percebe-se que as narrativas das mulheres idosas entrevistadas apontam para processos adaptativos ao longo de suas trajetórias – as quais, como observado, são atravessadas pela dimensão da espiritualidade/religiosidade. É possível destacar, a esse respeito, as falas que seguem:

Tem que ter mais paciência com as coisas... às vezes tu é nova, e não tem tanta paciência. Ser estourada por qualquer coisa não dá (Begônia).

Mas mesmo assim eu não me sinto uma velha jogada, eu me sinto feliz que todo mundo me gosta e eu gosto de todo mundo. Eu sou feliz. Eu saio aqui gritando, brincando com todo mundo, sou feliz. Mas eu fui muito triste (Cravo).

Então a gente tem que ir se movimentando, não pode botar na cabeça que aquilo ali [adoecimentos] vai se agravar, né? Porque de primeiro trabalhava muito mais e dava muita moleza pro homem, e agora tem coisa que ele tá aprendendo a fazer, e hoje sei que tem coisa que eu não preciso tá me judiando (Gerânia).

Vi minha mãe, sofria com o pai, saía às vezes a coitada pro mato, porque meu pai era bem mau pra mãe, coitada da mãe, e ela nunca deixou dele, mas se ele [esposo] é comigo eu dou um chute no balde [ri]. Deus me livre, desaforo é coisa que eu não aguento (Crisântemo).

Pra mim envelhecer é normal, sabe? Encaro assim como normalidade da vida né? (Amor Perfeito).

Os trechos reproduzidos podem ser associados ao desenvolvimento da resiliência, seja para lidar com as mudanças e perdas próprias da velhice, seja para lidar com as adversidades que o contexto de vida impôs a cada uma delas ao longo do tempo. Em todos os casos, nota-se que as falas assinalam a busca pela construção de um sentido de bem-estar na velhice. Com base nos estudos de Oliveira e Rocha (2016) e de Silva Júnior e Eulálio (2022), pode-se explorar a ideia de que o amadurecimento, a adaptação às mudanças, a compreensão de que as perdas fazem parte do processo, bem como a valorização das qualidades humanas, possibilitam crescimento e aprendizado, sendo capazes de fomentar um envelhecimento com resiliência.

Conforme achados de Silva Júnior e Eulálio (2022) em sua pesquisa sobre resiliência e velhice, a ênfase na espiritualidade, no otimismo e na gratidão sobre a vida está relacionada com o exercício da auto-reflexão, o qual é mais presente na maturidade. A investigação de Chaves e Gil (2015) identificou que a qualidade de vida na velhice é influenciada pela espiritualidade, a qual propicia o desenvolvimento de pensamentos e sentimentos positivos, que resultam em maior nível de satisfação em termos de qualidade de vida. Zenevitz, Moriguchi e Madureira (2013) identificaram a religiosidade como importante recurso para o enfrentamento às crises da vida, influenciando positivamente na saúde física e mental das pessoas idosas.

As pesquisas mencionadas deixam patente a interface entre espiritualidade/religiosidade e resiliência; da mesma forma, o estudo aqui apresentado corrobora essa perspectiva. Ou seja, ao tempo em que a religiosidade se coloca como presença constante e como apoio nas trajetórias de vida das participantes, também se observa a capacidade dessas mulheres para resistirem e adaptarem-se em direção a uma velhice com mais qualidade de vida, diante de uma vida cheia de sacrifícios e provações enquanto mulheres que

cresceram e envelheceram em um território marcado pelas dificuldades próprias da ruralidade. Ao mesmo tempo, porém, os dados coletados não permitem desconsiderar que coexiste, contraditoriamente, uma realidade onde as crenças religiosas ocupam a função de reforçar o enquadramento daquelas mulheres a lugares de gênero opressores.

Considerações finais

A presença da espiritualidade e religiosidade na vivência das mulheres idosas do grupo pesquisado traz pistas sobre a relevância dessa dimensão na constituição da integralidade do sujeito no contexto da ruralidade. Ao explorar os dados coletados no que se refere aos atravessamentos de espiritualidade e religião vinculados ao gênero e ao processo de envelhecer em um território marcado pelo modo de vida rural, percebe-se que, na medida em que as participantes narram suas histórias vividas, elas revelam existências que retratam como os valores e crenças religiosos costuram a construção do gênero e influenciam nas constituições pessoais e familiares.

Os resultados apontam que as participantes possuem experiências em comum, alicerçadas em algum tipo de religiosidade ou espiritualidade presente em sua trajetória até a velhice. Trata-se de uma caminhada em que a fé ocupa lugar relevante e as crenças espirituais e religiosas, em certa medida, contribuem para que se conformem a lugares de gênero opressores.

Ao mesmo tempo, porém, também é possível afirmar que espiritualidade e a religiosidade se apresentaram como recursos para lidar melhor com as durezas próprias de uma vida perpassada por muito trabalho, esforço, privações e violações, promovendo resiliência. Isto é, a dimensão da espiritualidade e religiosidade, ao tempo em que se mostra um suporte para continuar, apesar das dificuldades, também parece apoiar para a mudança de atitude diante de situações difíceis (tais como contextos de violência) ou que passaram a se apresentar desconfortáveis na velhice (como os adoecimentos, dores e perdas).

Assim, a pesquisa contribui com a discussão sobre a importância da dimensão da espiritualidade e religiosidade nas construções de gênero junto a mulheres idosas que compartilham o modo de vida rural. Da mesma forma, a pesquisa também evidencia a necessidade de se ampliarem estudos que utilizem a lente da interseccionalidade para a

compreensão dos contextos de vida das mulheres que envelhecem, o que poderá contribuir para a produção de políticas públicas nesse âmbito.

Referências

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 335–351, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>. Acesso em: 30 ago. 2025.

AYALON, Liat; TESCH-RÖMER, Clement (Eds.). **Contemporary perspectives on ageism**. Springer, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-73820-8>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CHANTAL, Graziela Silva. Agora que são elas: a liderança do pastorado feminino. **Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião**, v. 5, n. 1, p. 179–193, 2021. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/3591>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CHAVES, Lindanor Jacó; GIL, Claudia Aranha. Concepções de idosos sobre espiritualidade relacionada ao envelhecimento e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 12, p. 3641–3652, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.19062014>. Acesso em: 30 ago. 2025.

COSTA, Marta Cocco; LOPES, Marta Julia Marques; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 1, p. 162–168, jan. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150022>. Acesso em: 30 ago. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 30 ago. 2025.

DECKER, Naira. Um debate acerca da formação da secularidade católica brasileira a partir das migrações europeias do fim do século XIX. **Religião & Sociedade**, v. 39, n. 1, p. 101–119, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n1cap05>. Acesso em: 30 ago. 2025.

DIEHL, Claudia; KOENIG, Matthias; RUCKDESCHEL, Kerstin. Religiosity and gender equality: comparing natives and Muslim migrants in Germany. **Ethnic and Racial Studies**, v. 32, n. 2, p. 278–301, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01419870802298454>. Acesso em: 30 ago. 2025.

FRANCO, Clarissa de; DIAS, Tainah Biela. Religião, direitos humanos e interseccionalidades: repositionando a categoria “religião” no debate interseccional. **Estudos de Religião**, v. 35, n.

2, p. 309–330, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/1036112/7927>. Acesso em: 30 ago. 2025.

GOMES, Rita de Cássia Maciazeki; NOGUEIRA, Conceição; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 115–124, jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p115>. Acesso em: 30 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

JACKSON, Sarah E.; HACKETT, Ruth A.; STEPTOE, Andrew. Associations between age discrimination and health and wellbeing: cross-sectional and prospective analysis of the English Longitudinal Study of Ageing. **The Lancet Public Health**, v. 4, n. 4, p. e200–e208, 2019. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(19\)30035-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(19)30035-0/fulltext). Acesso em: 30 ago. 2025.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 135–154, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVLkfcGQLGXVwnHp63HMH/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 30 ago. 2025.

KOENIG, Harold George; KING, Dana; CARSON, Verna B. **Handbook of religion and health**. Oxford University Press, 2012.

LEVIN, Jeff; CHATTERS, Linda M.; TAYLOR, Robert Joseph. Religion, health and medicine in African Americans: implications for physicians. **Journal of the National Medical Association**, v. 97, n. 2, p. 237–249, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2568750/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MARGAÇA, Clara; RODRIGUES, Donizete. Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 150–157, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5690>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MAXIMIANO-BARRETO, Madson Alan; ANDRADE, Larissa; CAMPOS, Lucas Bueno de; PORTES, Filipe Augusto; GENEROSO, Fernanda Karoline. A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, v. 8, n. 2, p. 239–252, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2019v8n2p239-252>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MELO, Késia Maria Maximiano de; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 3, p. 1061–1071, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1877>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MOSSUZ-LAVAU, Janine. Sexualidade e religião: o caso das mulheres muçulmanas na França. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 377–386, maio 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200011>. Acesso em: 30 ago. 2025.

OLIVEIRA, Ivana; ROCHA, Fátima Niemeyer. Resiliência e busca de sentido de vida na velhice frente aos desafios do caminho da existência. **Revista Mosaico**, v. 7, n. 1, p. 04–12, 2016. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/98/57>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PANZINI, Raquel Gehrke; ROCHA, Neusa Sicca; BANDEIRA, Denise Ruschel; FLECK, Marcelo Pio de Almeida. Qualidade de vida e espiritualidade. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 105–115, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ROSADO-NUNES, Maria José. Direitos, cidadania das mulheres e religião. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 67–81, nov. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200004>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 363–365, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SEGUINO, Stephanie. Help or Hindrance? Religion's Impact on Gender Inequality in Attitudes and Outcomes. **World Development**, v. 29, n. 8, p. 1308–1321, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2010.12.004>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SILVA JÚNIOR, Edivan Gonçalves da; EULÁLIO, Maria do Carmo. Resiliência para uma velhice bem-sucedida: mecanismos sociais e recursos pessoais de proteção. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e234261, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003234261>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SOUZA, Sandra Duarte de. Religião e silenciamento do sofrimento: reflexões sobre morte e vida de mulheres em situação de violência. **Estudos de Religião**, v. 34, n. 3, p. 337–351, 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/10933>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41–61.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 3, p. 104–113, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 ago. 2025.

WISCH, T. L.; SOUZA, C. Bezerra de. Violência simbólica contra mulheres no Novo Testamento. **Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião**, v.

9, n. 2, p. 70–88, 2023. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/2753. Acesso em: 30 ago. 2025.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. spe, p. 75–84, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/8NB6nkqmK49dWHJYbqXLFDB/?fo#>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ZENEVICZ, Leoni; MORIZUCHI, Yukio; MADUREIRA, Valéria S. Faganello. A religiosidade no processo de viver envelhecendo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 2, p. 433–439, abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342013000200023>. Acesso em: 30 ago. 2025.

●

Recebido: 01/09/2025; Aceito 27/09/2025; Publicado em: 31/10/2025.